LUMEN ET VIRTUS
ISSN: 2177-2789

AVALIAÇÃO FORMATIVA VERSUS AVALIAÇÃO SOMATIVA: AS TENSÕES ENTRE A NOTA QUE CLASSIFICA E O FEEDBACK QUE ENSINA

FORMATIVE ASSESSMENT VERSUS SUMMATIVE ASSESSMENT: THE TENSIONS BETWEEN GRADES THAT CLASSIFY AND FEEDBACK THAT TEACHES

EVALUACIÓN FORMATIVA FRENTE A EVALUACIÓN SUMATIVA: LAS TENSIONES ENTRE LA CALIFICACIÓN QUE CLASIFICA Y LA RETROALIMENTACIÓN QUE ENSEÑA

https://doi.org/10.56238/levv17n63-008

Data de submissão: 20/06/2026 **Data de publicação:** 03/08/2026

Marcelo Miguel Ribeiro Rodrigues
Doutorando em Hospitalidade
Instituição: Universidade Anhembi Morumbi (UAM)
Lattes: https://lattes.cnpq.br/4623702522769931

Valdirene Moura da Silva
Doutora em Educação Matemática e Tecnológica
Lattes: http://lattes.cnpq.br/8238548957613487

Evaldo Batista Mariano Júnior
Doutorando em Educação
Instituição: Universidade de Uberaba (UNIUBE)
Lattes: http://lattes.cnpq.br/9963174474703668

RESUMO

A avaliação da aprendizagem ocupa posição estratégica no processo educativo, mas convive com uma tensão persistente entre duas lógicas distintas: a somativa, orientada à classificação e à certificação por meio da nota, e a formativa, voltada à regulação da aprendizagem por meio do feedback. Este artigo tem por objetivo analisar as tensões entre a avaliação somativa e a avaliação formativa, discutindo o contraste entre a nota que classifica e o feedback que ensina. Adotou-se pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, com base em obras de referência da área de avaliação educacional e em estudo empírico sobre feedback formativo. Os resultados evidenciam que a avaliação somativa, ao enfatizar a função classificatória, tende a operar como instrumento de seleção que nem sempre auxilia o crescimento do estudante, ao passo que a avaliação formativa, ao privilegiar a regulação e o feedback, coloca-se a serviço da aprendizagem. Constatou-se que a oposição entre as duas lógicas não implica a exclusão de uma pela outra, mas exige a superação da hegemonia do exame classificatório e a valorização do feedback como elemento que ensina. Conclui-se que a qualificação da avaliação escolar depende de deslocar seu eixo da mera atribuição de notas para uma prática mediadora, sem abandonar as funções legítimas de certificação, articulando planejamento, ensino e avaliação em favor do desenvolvimento do estudante.

Palavras-chave: Avaliação da Aprendizagem. Avaliação Formativa. Feedback.

ABSTRACT

Learning assessment plays a strategic role in the educational process, but it is subject to a persistent tension between two distinct approaches: summative assessment, which focuses on grading and certification through scores, and formative assessment, which focuses on guiding learning through feedback. This article aims to analyze the tensions between summative and formative assessment, discussing the contrast between grades that classify and feedback that teaches. A qualitative literature review was conducted, based on reference works in the field of educational assessment and an empirical study on formative feedback. The results show that summative assessment, by emphasizing its classificatory function, tends to operate as a selection tool that does not always support student growth, whereas formative assessment, by prioritizing regulation and feedback, serves the purpose of learning. It was found that the opposition between the two approaches does not imply the exclusion of one by the other, but requires overcoming the hegemony of the grading exam and valuing feedback as an element that teaches. It is concluded that the quality of school assessment depends on shifting its focus from the mere assignment of grades to a mediating practice, without abandoning its legitimate certification functions, and on integrating planning, teaching, and assessment to support student development.

Keywords: Assessment of Learning. Formative Assessment. Feedback.

RESUMEN

La evaluación del aprendizaje ocupa un lugar estratégico en el proceso educativo, pero convive con una tensión persistente entre dos lógicas distintas: la sumativa, orientada a la clasificación y la certificación mediante la nota, y la formativa, centrada en la regulación del aprendizaje a través de la retroalimentación. El objetivo de este artículo es analizar las tensiones entre la evaluación sumativa y la evaluación formativa, discutiendo el contraste entre la nota que clasifica y la retroalimentación que enseña. Se ha adoptado un enfoque de investigación bibliográfica, de carácter cualitativo, basado en obras de referencia del ámbito de la evaluación educativa y en un estudio empírico sobre la retroalimentación formativa. Los resultados ponen de manifiesto que la evaluación sumativa, al hacer hincapié en la función clasificatoria, tiende a funcionar como un instrumento de selección que no siempre favorece el desarrollo del alumno, mientras que la evaluación formativa, al dar prioridad a la regulación y a la retroalimentación, se pone al servicio del aprendizaje. Se constató que la oposición entre ambas lógicas no implica la exclusión de una por la otra, sino que exige superar la hegemonía del examen clasificatorio y valorar la retroalimentación como elemento que enseña. Se concluye que la cualificación de la evaluación escolar depende de desplazar su eje de la mera asignación de notas hacia una práctica mediadora, sin abandonar las funciones legítimas de certificación, articulando la planificación, la enseñanza y la evaluación en favor del desarrollo del alumno.

Palabras clave: Evaluación del Aprendizaje. Evaluación Formativa. Retroalimentación.

1 INTRODUÇÃO

A avaliação da aprendizagem é uma das dimensões mais sensíveis e controversas do trabalho pedagógico. Longe de ser um procedimento neutro, a forma como se avalia expressa concepções de educação, de conhecimento e de sujeito, e produz efeitos concretos sobre a trajetória dos estudantes. No centro dessa questão encontra-se a tensão entre duas lógicas distintas de avaliar.

De um lado, situa-se a avaliação em sua função classificatória, que apresenta caráter estático e tende a atuar como instrumento de seleção, sem necessariamente auxiliar o avanço e o crescimento do estudante (LUCKESI, 2011). De outro, coloca-se a avaliação em sua função diagnóstica e formativa, concebida como momento do processo de desenvolvimento, orientada a subsidiar decisões que melhorem a aprendizagem.

Essa dualidade foi teorizada como a existência de duas lógicas em tensão: a lógica da seleção e da classificação dos estudantes e a lógica da regulação e do aprimoramento das aprendizagens (PERRENOUD, 1999). A avaliação encontra-se, assim, no cerne das contradições do sistema educativo, articulando de modo permanente a seleção e a formação.

O contraste entre essas lógicas manifesta-se de forma concreta na oposição entre a nota, que classifica e certifica, e o feedback, que informa e ensina. Enquanto a nota condensa o desempenho em um símbolo, o feedback oferece ao estudante elementos para compreender seus erros e progredir, o que evidencia funções pedagógicas bastante distintas.

O objetivo geral deste artigo é analisar as tensões entre a avaliação somativa e a avaliação formativa, discutindo o contraste entre a nota que classifica e o feedback que ensina. Como objetivos específicos, busca-se caracterizar as funções da avaliação; distinguir as lógicas somativa e formativa; examinar o papel do feedback na aprendizagem; e discutir a articulação possível entre as duas perspectivas no trabalho pedagógico.

2 METODOLOGIA

O estudo adotou a pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, como percurso metodológico. Essa abordagem mostra-se adequada ao objeto, por permitir a articulação entre obras de referência da área de avaliação educacional e estudos empíricos sobre o feedback formativo, reconstruindo os termos do debate sobre as funções da avaliação.

A pesquisa apoiou-se, ainda, no marco legal da educação nacional, que estabelece a avaliação como processo contínuo e cumulativo, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos, o que confere respaldo normativo à perspectiva formativa (BRASIL, 1996). A legislação educacional funciona, nesse sentido, como referência que orienta a compreensão da avaliação como parte do processo de ensino e aprendizagem.

Formulou-se como questão norteadora: quais são as tensões entre a avaliação somativa e a avaliação formativa, e como se contrastam a nota que classifica e o feedback que ensina? A análise organizou os achados em quatro eixos: as funções da avaliação; a distinção entre as lógicas somativa e formativa; o papel do feedback; e a articulação entre as perspectivas. A interpretação foi conduzida de forma qualitativa. Por tratar-se de estudo baseado em literatura já publicada, não houve necessidade de apreciação por comitê de ética em pesquisa.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 AS FUNÇÕES DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A avaliação da aprendizagem pode assumir funções distintas, entre as quais se destacam a classificatória e a diagnóstica, que correspondem a modos opostos de conceber sua finalidade e seus efeitos sobre o estudante (LUCKESI, 2011). A função classificatória volta-se a ordenar os estudantes segundo seu desempenho, ao passo que a função diagnóstica busca compreender a situação da aprendizagem para orientar a ação pedagógica.

A avaliação vista pela função classificatória apresenta-se como um instrumento estático e frenador do processo de crescimento, na medida em que se limita a atribuir um lugar ao estudante sem contribuir para seu avanço (LUCKESI, 2011). Já a avaliação diagnóstica constitui-se em momento dialético do processo de desenvolvimento, voltado ao crescimento para a autonomia e para a competência.

Essa distinção não é meramente técnica, mas expressa concepções pedagógicas divergentes. A avaliação diagnóstica subsidia a tomada de decisão para a melhoria da qualidade do desempenho do estudante, colocando-se a serviço da aprendizagem, e não da mera verificação (LUCKESI, 2011). A escolha entre uma e outra função tem, portanto, consequências profundas sobre o sentido do próprio ato de avaliar.

Cumpre esclarecer que reconhecer os limites da função classificatória não significa negar toda utilidade à mensuração do desempenho. O problema apontado não é a existência da nota em si, mas a sua absolutização, que transforma o instrumento estático em finalidade do processo educativo e obscurece a função diagnóstica que deveria orientar a ação pedagógica (LUCKESI, 2011). A crítica dirige-se, portanto, à hegemonia da classificação, e não à possibilidade de registrar e comunicar resultados.

3.2 AS LÓGICAS SOMATIVA E FORMATIVA

A tensão entre as funções da avaliação foi formulada como a coexistência de duas lógicas: a da excelência, associada à seleção e à classificação, e a da regulação das aprendizagens, associada ao aprimoramento contínuo (PERRENOUD, 1999). A avaliação somativa expressa a primeira lógica, ao

resumir o desempenho do estudante em um dado momento, geralmente ao final de um ciclo, com finalidade certificatória.

A avaliação formativa, por sua vez, cumpre a função reguladora, entendida como a de delimitar as aquisições e os modos de raciocínio de cada estudante o suficiente para auxiliá-lo a progredir em direção aos objetivos de aprendizagem (PERRENOUD, 1999). Enquanto a somativa olha para trás, sintetizando o que foi aprendido, a formativa olha para frente, orientando o que ainda pode ser aprendido.

Nessa perspectiva, a avaliação formativa opõe-se ao paradigma sentenciador e classificatório, configurando-se como avaliação mediadora, comprometida com a promoção da aprendizagem e com o desenvolvimento do estudante (HOFFMANN, 1993). A avaliação mediadora integra planejamento, ensino e avaliação em um processo contínuo, no qual avaliar é parte do ato de ensinar, e não seu momento final e separado.

A oposição entre as duas lógicas não significa, contudo, que uma anule completamente a outra. A avaliação situa-se no cerne das contradições do sistema educativo justamente porque articula, de forma permanente, a seleção e a formação, o reconhecimento e a negação das desigualdades (PERRENOUD, 1999). O desafio pedagógico consiste em não deixar que a lógica classificatória se sobreponha à formativa, esvaziando o sentido educativo da avaliação.

3.3 O FEEDBACK QUE ENSINA

O elemento que distingue de maneira mais evidente a avaliação formativa é o feedback, cuja função é fornecer ao estudante informações que o ajudem a compreender seu desempenho e a progredir na aprendizagem (BURIASCO; FERREIRA; CIANI, 2009). O feedback formativo desloca o foco da avaliação da simples atribuição de um valor para a comunicação de elementos que orientam o avanço do estudante.

Estudo sobre o feedback formativo evidenciou a existência de uma tensão entre a atribuição de notas e a oferta de retorno qualitativo, mostrando que a mesma produção pode ser avaliada de modos distintos conforme se privilegie a classificação ou a orientação (BURIASCO; FERREIRA; CIANI, 2009). Essa constatação revela que nota e feedback não são equivalentes, e que a ênfase em um ou em outro configura práticas avaliativas de naturezas diferentes.

O feedback que ensina caracteriza-se por indicar não apenas o acerto ou o erro, mas as razões do erro e os caminhos para superá-lo, tratando o equívoco como parte do processo de aprender. Nessa perspectiva, o erro deixa de ser motivo de punição por meio da nota e passa a ser objeto de análise e de orientação, integrando-se ao próprio ato de ensinar (BURIASCO; FERREIRA; CIANI, 2009).

A valorização do feedback aproxima a avaliação de sua função reguladora e mediadora, ao colocá-la a serviço da aprendizagem. A avaliação mediadora, ao integrar o retorno contínuo ao

processo de ensino, concretiza a ideia de que avaliar é acompanhar e apoiar a construção do conhecimento, e não apenas medir seu resultado (HOFFMANN, 1993).

Convém observar que o feedback só cumpre sua função quando efetivamente utilizado pelo estudante para rever seu percurso. Um retorno oferecido tardiamente, ou acompanhado apenas de uma nota que encerra o processo, tende a perder seu potencial formativo. A conexão entre a avaliação, o erro e o retorno qualitativo evidencia que o momento e a forma do feedback são decisivos para que ele se converta em aprendizagem, e não em mera justificativa da classificação (BURIASCO; FERREIRA; CIANI, 2009).

3.4 A ARTICULAÇÃO ENTRE AS PERSPECTIVAS

A crítica à hegemonia da avaliação classificatória não implica a defesa da eliminação de toda forma de avaliação somativa. A certificação e o registro do desempenho cumprem funções legítimas no sistema educativo, e a avaliação somativa responde a exigências institucionais e sociais que não podem ser simplesmente ignoradas (PERRENOUD, 1999).

O marco legal da educação nacional oferece um caminho para a articulação ao estabelecer a avaliação como processo contínuo e cumulativo, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e da avaliação ao longo do processo sobre a de resultados finais (BRASIL, 1996). Essa orientação normativa sinaliza que a certificação, embora necessária, deve estar subordinada à finalidade formativa, e não o contrário.

A articulação entre as perspectivas supõe, portanto, uma inversão de prioridades: em vez de organizar o ensino em função das notas, trata-se de subordinar a avaliação ao objetivo de promover a aprendizagem. A avaliação mediadora oferece o horizonte dessa articulação, ao propor uma prática que integra planejamento, ensino e avaliação e que valoriza os ritmos e as estratégias individuais dos estudantes (HOFFMANN, 1993).

Essa integração exige do professor uma mudança de postura, que compreenda a avaliação como parte do ensino e o feedback como instrumento pedagógico. A superação da lógica meramente classificatória depende, assim, de uma atitude comprometida com o desenvolvimento do estudante, que reconheça o erro como parte da aprendizagem e a orientação como sua finalidade (LUCKESI, 2011).

4 DISCUSSÃO

A análise desenvolvida evidencia que a tensão entre a avaliação somativa e a formativa reflete a coexistência de duas lógicas — a da classificação e a da regulação — que disputam o sentido do ato de avaliar (PERRENOUD, 1999). Essa tensão não é acidental, mas estrutural, e atravessa

cotidianamente a prática pedagógica, exigindo do educador escolhas conscientes sobre a finalidade da avaliação.

A crítica à função classificatória, por seu caráter estático e frenador, demonstra que a hegemonia da nota pode comprometer o próprio processo de crescimento do estudante, ao reduzir a avaliação a um instrumento de seleção (LUCKESI, 2011). A valorização da função diagnóstica e formativa surge, assim, como alternativa que recoloca a avaliação a serviço da aprendizagem.

O feedback ocupa lugar central nesse deslocamento, ao evidenciar que a mesma produção pode ser tratada como objeto de classificação ou como objeto de orientação, conforme a lógica adotada (BURIASCO; FERREIRA; CIANI, 2009). A opção pelo feedback que ensina, em vez da nota que apenas classifica, expressa concretamente a escolha por uma avaliação comprometida com o desenvolvimento do estudante.

A articulação entre as perspectivas, respaldada pelo marco legal que valoriza os aspectos qualitativos e a continuidade do processo, aponta para a subordinação da avaliação somativa à finalidade formativa, e não para sua simples eliminação (BRASIL, 1996). A avaliação mediadora oferece o modelo dessa integração, ao unir planejamento, ensino e avaliação em um processo orientado à aprendizagem (HOFFMANN, 1993).

Cabe reconhecer os limites deste estudo, de natureza bibliográfica, cujos achados refletem o recorte das fontes analisadas e não substituem investigações empíricas sobre as práticas avaliativas em contextos específicos. Ainda assim, a articulação entre as obras de referência e o estudo sobre o feedback oferece um quadro consistente sobre as tensões entre a nota que classifica e o feedback que ensina.

5 CONCLUSÃO

A revisão desenvolvida permitiu evidenciar que a avaliação da aprendizagem convive com uma tensão estrutural entre a lógica somativa, orientada à classificação e à certificação por meio da nota, e a lógica formativa, voltada à regulação da aprendizagem por meio do feedback. Constatou-se que a função classificatória, por seu caráter estático, tende a operar como instrumento de seleção que nem sempre auxilia o crescimento do estudante, ao passo que a função formativa coloca a avaliação a serviço da aprendizagem.

Verificou-se que o feedback constitui o elemento que distingue de forma mais nítida a avaliação formativa, ao oferecer ao estudante informações que o ajudam a compreender seus erros e a progredir, tratando o equívoco como parte do processo de aprender. Observou-se que a oposição entre as lógicas não implica a eliminação da avaliação somativa, mas a superação de sua hegemonia e sua subordinação à finalidade formativa.

Conclui-se que a qualificação da avaliação escolar depende de deslocar seu eixo da mera atribuição de notas para uma prática mediadora, que articule planejamento, ensino e avaliação em favor do desenvolvimento do estudante, sem abandonar as funções legítimas de certificação. Recomenda-se a realização de estudos empíricos que investiguem as condições e as estratégias para a incorporação do feedback formativo às práticas avaliativas cotidianas, de modo a tornar efetiva a passagem da nota que classifica ao feedback que ensina.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996.

BURIASCO, R. L. C. de; FERREIRA, P. E. A.; CIANI, A. B. Um Estudo sobre o Feedback Formativo na Avaliação em Matemática e sua Conexão com a Atribuição de Notas. Bolema, Rio Claro, v. 22, n. 33, p. 69-96, 2009.

HOFFMANN, J. Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 1993.

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 2011.

PERRENOUD, P. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens — entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.